

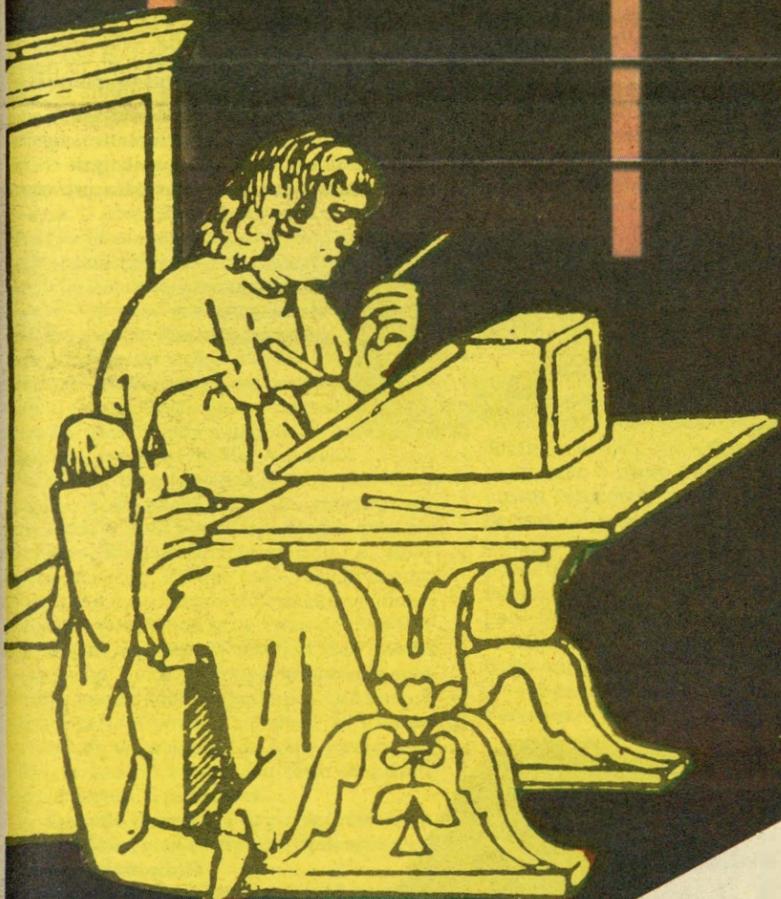
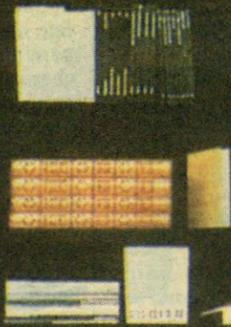
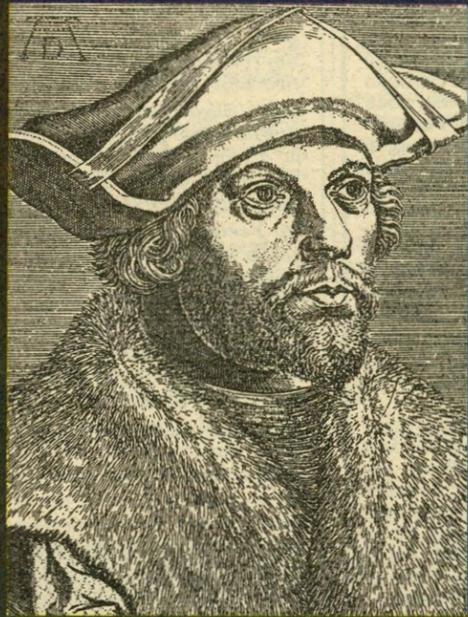
Mário Ventura
entrevistado
por Baptista-Bastos
págs. 2/3

jornal de letras, artes e ideias

Ano V n.º 178 De 3 a 9 de Dezembro de 1985 Preço 50\$00 Semanalmente, às terças-feiras Director José Carlos de Vasconcelos Director adjunto Luís Almeida Martins

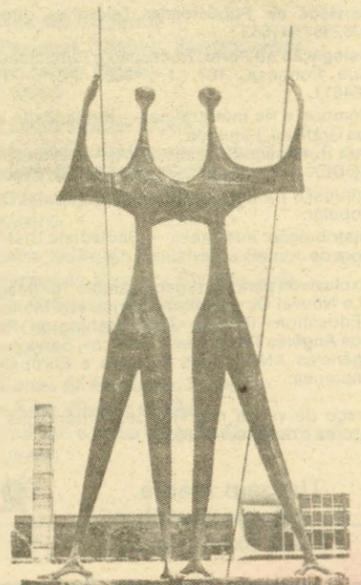
O prazer dos clássicos

- Apresentação de Maria de Lourdes Belchior
 - Entrevista com Luciana Stegagno Picchio
 - Artigos sobre Martim Codax, Jorge Ferreira de Vasconcelos, D. Francisco Manuel de Melo e José Agostinho de Macedo
- Dossier págs. 21/26



Bruno Giorgi,
o escultor de Brasília

Um texto
de José Cardoso Pires



Bruno Giorgi: o corpo e o grito

O escultor de Brasília, recentemente homenageado no seu país, evocado pelo autor de «O Delfim».

José Cardoso Pires

É Outubro e numa ilha do Atlântico vou ao encontro de Bruno Giorgi. Ao vivo, sei que está lá longe, a crónica internacional dá-o no Brasil rodeado de homenagens, comemorações, discursos oficiais. Mas aqui, Santa Cruz de Tenerife, aparece-me em bronze salgado de oceano na estátua do padre Anchieta que eu conhecia dos álbuns de arte.

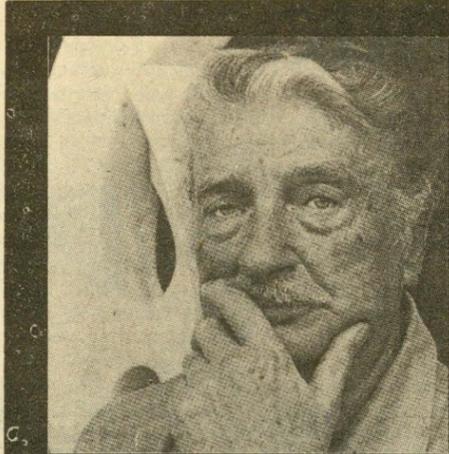
Há muito do todo de Giorgi nessa figura: a suave determinação do gesto, a desdramatização do belo e do heróico, a obsessão de pureza visual — coisas tão dele, e tão legíveis. Essas permanências, sempre pensei, têm muito a ver com uma sensibilidade animista, com o paganismo franciscano, pedra e luz, movimento e irmandade, que afinal também estão na escrita de um outro grande do Brasil, Guimarães Rosa.

Mas Anchieta, segundo Bruno Giorgi, é um caminheiro de bordão em arco, rumo às Américas, ao mundo novo. Não vai de crucifixo alçado, apenas leva consigo a palavra e o olhar e a mão em sinal de paz. No breve planalto onde se situa, à saída da capital, parece avançar num deserto em suspensão. Não se vê mar, não se ouve mar, mas respiramo-lo; sentimo-lo ainda mais imenso à nossa volta.

Neste arquipélago de Colombo, que foi porto livre do surrealismo, a presença de Giorgi é uma referência que de algum modo diz respeito à nossa navegação cultural. Giorgi-Anchieta. La Laguna. Aqui, no lugar em que me encontro, nasceu o pregador que veio até nós e se fez também português e que de nós se partiu, desenhando o seu triângulo sobre o mar. Giorgi restituiu-o ao porto inicial: um minúsculo ponto sobre o mapa atlântico. Aqui. Para o reencontrarmos houve que atravessar a cidade capital, deixar a mastreação portuária, as avenidas de esplanadas e casinos, turismo «shopping centers», e por ramblas e jardins povoados de monstros sagrados (Calder, Subirachs, Henry Moore, Tapiés, Miró) ir até à auto-estrada principal. Neste ponto, à direita, temos o moderno complexo universitário de Tenerife e logo em frente, numa elevação solitária, Anchieta assinado por Bruno Giorgi. Também ele, o escultor, fez o seu triângulo de destino — Brasil, Carrara e agora Portugal. Conta muita vida e muita glória, que é coisa a que os mestres-diabos (Picasso, Miró, Dalí) são sobranceiros, e aqui, a dois passos da sua escultura, vejo um majestoso tufo de cactos carregados de figos brulos.

Quando o conheci, há anos, Giorgi estava recortado na luz do portal dum velho solar. Era Minho e manhã de sol numa aldeia romana repartida num labirinto de verde e de quintas medidas a palmo — e no coração daquilo Bruno Giorgi. Assim apareceu. Num portal de granito português e cheio de claridade, tinha um olhar azul a alongar-se no alto de si mesmo, um olhar suavizado por uma extrema discrição — como a voz, notei depois; como as mãos, que eram fortes e plácidas e que quase se calavam a escutar. Reparei, reparo ainda que, quando sentado, Bruno Giorgi as repousa muitas vezes sobre os joelhos (é essa a sua maneira de escutarem?) e que assim, busto direito, parece percorrido por um eco clássico.

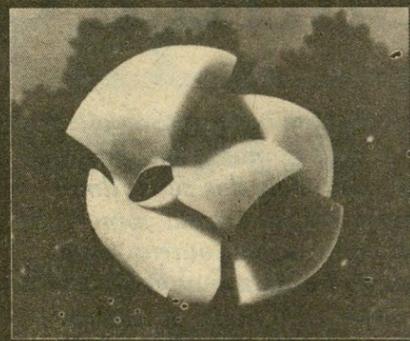
Nessa manhã, lembro-me bem, tudo à volta era aldeão e doméstico, mas a presença súbita de Giorgi abria uma segunda dimensão na paisagem. Como a sua escultura, acrescento agora. E lembro-me de Moore, por exemplo, que absorve e condensa o espaço circundante; de Brancusi, que se lhe impõe com agressividade; de Calder, que o distorce e desgoverna. Giorgi não: a escultura que dele conheço ao vivo, como que irradia uma sugestão secundá-



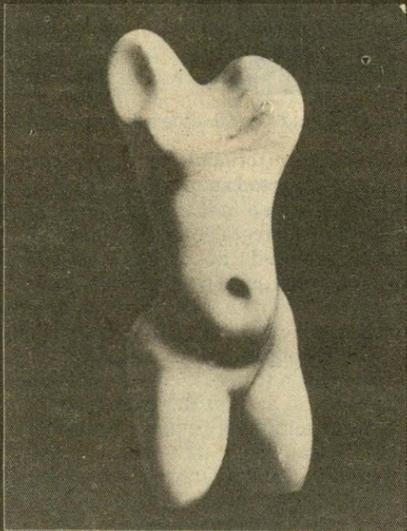
Bruno Giorgi



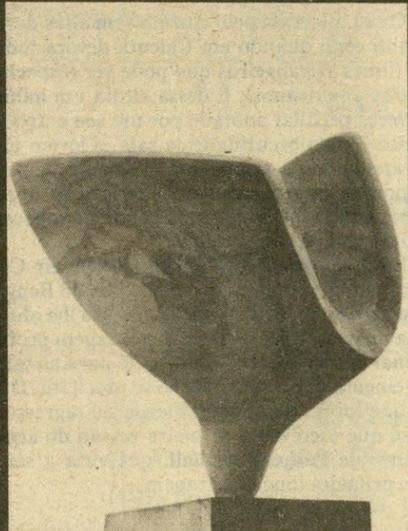
Anchieta (1960)



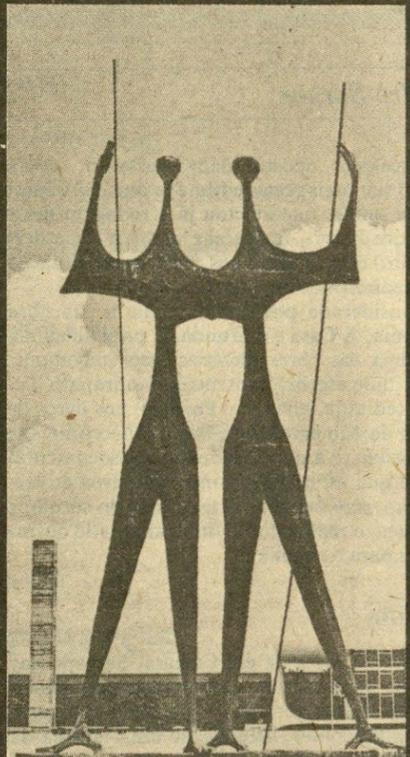
Meteoro (1965)



Torso (1974/80)



Asa (1972)



Candangos (1960)

ria de luz e de dimensão, independentemente da matéria e do volume. Talvez por isso Oscar Niemeyer lhe chamou arquiteto, «um dos grandes arquitectos do século XX», ele, Niemeyer, que é um sábio inventor de espaços e de cidades esculturais.

Às vezes penso que essa dedução de segundo espaço, esse reflexo interior, provém da sensualidade poética que Giorgi confere à pedra e ao bronze. Desde os mais reduzidos e mais íntimos torsos de mulher aos monumentos de Brasília, há sempre uma luminosidade lírica a conduzir. Mesmo nos volumes mais abstractos — mesmo no mais abstracto das suas mãos, quero eu dizer — mesmo aí. E num genial bailado de violência — e de ritual como *Capoeira*, idem. A violência e o caos em Bruno Giorgi são sempre uma harmonia conflituosa. Como os clássicos, direis. E é assim: em Giorgi a corrupção cria regra e faz-se harmonia. Porque, vendo bem, esta escultura é, toda ela, um persistente cântico de harmonia e daí que surpreenda em chama de beleza o grito mais desesperado da pedra e do metal e transforme em unidade e alegoria a forma mais dispersa e mais esfarrapada. Guerreiros, cometas, metamorfoses, tudo contém desordem e fractura, e tudo se conjuga em movimentos contraditórios que se anulam e se simplificam até ao equilíbrio essencial. Tudo atinge, afinal, a provocação unitária (clássica, mesmo que tecida de fragmentações) que confere à obra o seu estatuto de beleza.

Prendo-me a isto, à harmonia e à unidade. A unidade interior (o humanismo, no caso de Giorgi) que comanda mãos assim, tão letradas de beleza e poder criador. Nas conversações com Bruno Giorgi, essa coerência está lá, como uma assinatura de si mesmo. Aprovechamo-nos dos segundos espaços que irradiam dele, homem. Guerras, prisões, movimentos culturais, o muito céu e o muito mundo do seu olhar, tanta fractura. Tanto renovar. Tanta fidelidade à razão do tempo e dos humilhados. Mas ele fala dos poetas amigos, ouço agora. De Mário de Andrade e da «Pauliceia Desvairada» da sua juventude, de Drummond, Murillo Mendes, Neruda, Nicolás

Guillén; dos portugueses recentes que começou a ler nas suas viagens a Lisboa.

Romanece, poesia — Modigliani, Picasso, Max Ernst, Klein foram devoradores de livros até à morte; as breves correspondências de Dubuffet com Gombrowicz contêm mais imaginação que as melhores páginas do *Cosmos*. A escrita é a sedução dos mestres que trabalham a cor ou a pedra? «O meu desejo é ser pintor», diz um verso do bandeirante do modernismo, Mário de Andrade. E qual o desejo de Niemeyer? Ser escultor? E o do Portinari que escreveu com óleos suicidas uma outra versão de Graciliano Ramos?

De Bruno Giorgi não sei. Ouço-o citar Dante.

Há cansaço neste homem tão repartido, e tão presente, por tanto mundo? Mesmo em Lisboa, na sua casa de passagem, ele tem o barro à mão, há um pequeno «atelier» donde se vê o arvoredo do Jardim Zoológico com recantos de pedra esculpida (a presença da pedra, sempre a pedra) e pelas vidraças passam aviões acabados de descolar do aeroporto. Acolá, nessa direcção, fica Colares, onde um mestre canteiro fidelíssimo lhe talha agora os mármoreos.

Mas na sala ao lado há um copo de fernet branca sobre a mesa. Ou de whisky. E jornais, e talvez o último romance de Sciascia ou de García Márquez. Talvez, também, o televisor esteja a transmitir uma competição de Fórmula 1 de que ele, Giorgi, é entusiasta.

E entretanto o barro molda-se dentro dele, não pára de moldar-se: Pequenos apontamentos, quase sempre. Dedadas firmes, um nu muito breve, quase sempre, ainda contendo sobre a tábuca. «Sonho abstracto e acordo figurativo», disse ele algures, e o seu despertar é este — o barro a tornar-se homem pela sua própria mão. Aqui o milagre está em que cada peça, em cada nu, em cada grito retido em pedra ou metal, o belo jamais corrompa a beleza. Que a beleza fale e se faça enigma. Antes e acima de tudo, se alguma lição de eternidade se pode tirar do poder criador da mão e do olhar é essa que Giorgi me transmite. Me transmite.

Oitenta anos plenos

Bruno Giorgi e Oscar Niemeyer foram este ano os consagrados do Prémio Santista (25 milhões de dólares) por decisão dum júri de que fizeram parte representantes do Museu de Arte de São Paulo, Academia Brasileira de Letras, Associação Brasileira de Imprensa e Universidades Federais e Estaduais.

Filho de emigrantes italianos e nascido no Estado de São Paulo (em 1905), como Portinari, Giorgi Regressou, ainda criança, à Europa onde estudou escultura com Maillol. Em Paris, por ocasião da Guerra de Espanha, fez amizade com Togliatti e Sandro Pertini, organizando movimentos culturais de apoio à causa republicana. Prisioneiro de Mussolini, pouco mais tarde acabou por ser libertado ao abrigo da sua nacionalidade brasileira. Regressado a São Paulo, a sua obra começou a ser destacada desde muito cedo e divulgada nos Estados Unidos, sobretudo. Actualmente, o Brasil recuperou uma parte da sua obra dispersa por coleccionadores estrangeiros que são hoje património público nacional. Internacionalmente, as celeberrimas esculturas de Brasília traduzem a imagem simbólica da modernidade e do espírito criador do Brasil.

Casado com uma portuguesa, ex-directora de uma galeria de arte em Buenos Aires, Bruno Giorgi, tem vindo nos últimos anos regularmente a Portugal. Recentemente o Governo e as instituições culturais de São Paulo promoveram várias manifestações de homenagem por ocasião do 80.º aniversário do «poderoso Giorgi», como lhe chamou Drummond de Andrade.

J.C.P.